

cinquenta trechos que se encontra no texto original e que foram adaptados para o português. O autor destaca que os trechos são de sua autoria, e que a tradução é sua interpretação da obra original. A obra é dividida em quatro partes: "Geografia Humana", "Geografia Econômica", "Geografia Social" e "Geografia do Comércio".

CARRERAS, Carles. Geografia Humana. 3. ed. corregida, revisada, actualizada e ilustrada. (Collecció Coneguem Catalunya). Sant Cugat del Vallès: Els Llibres de la Frontera, 1994. 102 p.

O autor, Carles Carreras é catedrático, desde 1986, na Universidade de Barcelona, mas sua relação com essa instituição iniciou-se em 1972, quando terminou sua Licenciatura em Geografia, apresentando uma *tese* sobre o bairro de *Hostafrancls*. Entre 1972-1974 foi Professor Auxiliar e, posteriormente, até 1978, Professor Encarregado de Curso. É desse ano também o seu *doutoramento* em Geografia.

Com uma produção científica muito vasta, incluindo livros, artigos, direção da Revista Catalana de Geografia e Geografia Universal (8 volumes, 1988-90), dedica-se aos estudos urbanos, à Geografia Econômica, tendo como foco central o comércio e o consumo.

Sua ligação com o Brasil deu-se através da Universidade de São Paulo, tendo, no início de 2000 organizado e ministrado um curso de Geografia Econômica. Também participou de bancas de doutorado e, em 2001, retornará ao Brasil, no mês de outubro para compor a comissão organizadora do *Encontro de Geógrafos* promovida pela AGB — Associação de Geógrafos do Brasil. A esse resumo de suas atividades, poderíamos acrescentar, entre outras, participações em congressos em toda Europa e América Latina.

Mas, qual pode ser o interesse do leitor brasileiro em relação por uma obra de Geografia Humana da Catalunha?

A primeira dificuldade que deve ser transposta é a língua. A obra foi escrita em catalão. Aqui optamos por traduzir os trechos citados, facilitando a leitura do mesmo e o entendimento da obra ora resenhada.

Mas há uma explicação convincente: é uma obra didática, visando, princi-

palmente, aos alunos da Universidade de Barcelona, sobretudo os ingressantes, e um público não iniciado na ciência geográfica, contudo, catalão. Dessa maneira o livro se presta ao ensino na própria Catalunha onde, se o catalão não é a língua oficial, faz parte do cotidiano da população das 41 unidades político-administrativas que formam o território catalão, articulado em comarcas.

A “pequena obra” (12 x 18 cm) está dividida em dois capítulos: a) a resposta humana às limitações do meio natural (p. 17-49) e b) a industrialização, apesar do fracasso da revolução industrial (p. 53-93). Acrescenta ainda um prólogo à terceira edição (p. 9), introdução (p. 11), bibliografia (p. 103) e quatro reproduções cartográficas sendo: mapa 1 — a densidade populacional da Catalunha em 1787, aplicada aos municípios atuais (p. 29); mapa 2 — densidade populacional da Catalunha conforme o censo de 1991 (p. 57); mapa 3 — a divisão municipal da Catalunha em 1991 (p. 99) e mapa 4 — a divisão em comarcas vigente na Catalunha, s/d (p. 102). Cada capítulo está subdividido em outros três itens, respondendo àquilo que seus títulos sugerem.

Embora seja uma obra didática da Geografia Catalã, vale a pena deter-se sobre ela, principalmente porque, no que se refere à Geografia Brasileira, a intelectualidade, de uma forma geral, “torce o nariz” diante de estudos específicos, mais prestados às teses e dissertações, nas Academias. Porém, como observava Milton Santos, anos atrás, a Geografia detinha-se em estudos mais gerais, ficando os estudos restritos aos ‘casos’, bairros, região administrativas e afins, quando muito.

O estudo de Carreras abrange uma área de 31.930 km², em forma triangular no nordeste espanhol, formado por Barcelona, Leida, Girona e Tarragona. Apenas o estudo da região metropolitana de Barcelona (RMB) já seria suficientemente complexo, devido as características internacionais da cidade que engloba, ainda, grande parte da população da Catalunha e das várias atividades econômicas encontradas.

Na Introdução, temos uma rápida história da Geografia Catalã, com descrições de viajantes, como a *Geografia de Catalunya*, de Pere Gil, do ano de 1600, passando por Ildefons Cerdà i Sunyer (1815-1876), que o autor afirma ser o primeiro geógrafo urbano da Catalunha. “Efetivamente, seu grande esforço teórico em *Teoría General de la Urbanización*, de 1867, que o faz o primeiro urbanista moderno de todo mundo, é acompanhado de minuciosos estudos sobre a cidade de Barcelona” (p. 12), para chegar na multidisciplinaridade do tema urbano atual.

Apresenta, ao final da Introdução, o objetivo da obra: “O que se pretende aqui, porém, é uma introdução ao conhecimento da Catalunha, sua tradição e a preocupação com sua renovação”. E, honestamente, arremata: “Os materiais não são, quiçá, de primeira mão, porém, o é o esquema que ordena, bem como o objetivo da reflexão, complexidade e modernidade que ele conduz” (p. 16).

No primeiro capítulo, apresenta as dificuldades de fixação humana na Catalunha devido às irregularidades físicas do terreno e do clima mediterrâneo. Foi uma ocupação iniciada na Cordilheira, seguida da colonização romana na planície e, um fato importante para a orga-

nização do território, que merece destaque, foram as Vias Romanas. Necessárias para a comunicação de informações e produtos para Roma, o povoado seguiu essas Vias, tendo como unidade de exploração agrícola as *villae* (p.20).

Com a construção das muralhas para guardar e proteger as cidades, muitas delas desapareceram por não terem construído as suas. No caso de Barcelona, esta já estava cercada no século III a.C. Disso resulta o retorno da população para a montanha, título esse do novo sub-item.

Aqui temos uma interessante relação socioespacial. Em tempos de crescimento econômico a hegemonia estava com as classes do planalto, a burguesia em formação. Durante as crises, a hegemonia se deslocava para as montanhas, com os senhores feudais excluídos dos favores da monarquia. O sinal mais aparente da hegemonia dos senhores feudais é o conhecido *Bandoleiro Catalão* (séculos XIV - XVIII) que aparece na obra de Cervantes, *Don Quixote de La Mancha* (p. 25).

Por fim, temos a aproximação entre o planalto e a costa, com um reordenamento populacional, assim como seu crescimento acentuado, em algumas áreas. Por exemplo, em 1719, a Espanha contava 406.276 habitantes, já em 1787, 875.388 habitantes. Os chamados *pobles dobles* (povos duplos) muito beneficiaram Barcelona que, em 1787 contava com 92.385 habitantes. Esse movimento populacional duplo seguia da montanha ao planalto e do interior à costa (p. 27).

Dentro do tema das atividades tradicionais, um pode, eventualmente, interessar aos estudiosos sorocabanos do tropeirismo, assim como aos dos

outros estados brasileiros que têm esse objeto de estudos. Trata-se do estudo dos mercados e feiras (p. 45-49). Afirma: "As feiras, hoje, decaíram. Eram encontros espaçados — uma vez ao ano, ou duas no máximo — com um caráter monocultural, isto é, pela compra-venda de um só tipo de produto, normalmente muar. Aquela periodicidade das feiras fez coincidir com festas destacadas que marcavam o ritmo do calendário do campesinato" (p. 48). Fica a sugestão de buscar relações entre tais feiras e as ocorridas na cidade de Sorocaba durante os séculos XVIII e XIX, principalmente.

O título do capítulo que trata da industrialização indica um caminho para a Catalunha, ou seja, a industrialização, apesar do fracasso da Revolução Industrial. Nesse ponto, o autor buscou o exemplo tradicional inglês, com as suas "etapas": artesanato, manufatura, indústria. Esse modelo clássico de desenvolvimento social e técnico não dá conta de todos os processos de industrialização, mesmo na Europa.

Conforme nossa análise, outras condições históricas, portanto concretas, contribuíram e forjaram as classes sociais dentro da especificidade dos processos de industrialização catalão e espanhol. O próprio autor afirma que a burguesia surge dentro de uma estrutura fundiária, baseada na média propriedade familiar e marginal à aristocracia, conseguindo acumular e se apropriar dos meios de produção. Em seguida, aponta às repercussões técnicas e sociais no território, compondo uma nova Catalunha (p. 54).

Disso tudo, discordamos do título utilizado, quando afirma o fracasso da

revolução industrial na Catalunha e na Espanha. Porém, a divisão metodológica, proposta para o estudo do novo momento da Catalunha, parece-nos muito apropriada, pois facilita o entendimento do processo e de sua espacialidade. É na relação entre as “duas Catalunhas” (pré-industrial e industrial) que se pode conhecer e reconhecer o atual processo de trabalho (pós-fordista) e de urbanização (pós-industrial, visto ser baseado nos serviços e informação).

A continuidade do texto reforça nossa análise, pois a Catalunha industrial apresenta avanços e retroprocessos encontrados em sociedades industriais de todo mundo, porém, sua especificidade espacial demonstra que a revolução fracassada não aconteceu. Tomemos como exemplo a citação: “A dificuldade, porém, ocorre agora — de mensurar e comparar aqueles desequilíbrios — porque ‘pobre’ é um adjetivo comparativo, em definitivo; normalmente, um é pobre em relação a outros que são mais ricos. E as regiões e comarcas são pobres ou ricas em função da repartição dos recursos naturais economicamente exploráveis ou das inversões produtivas que realizam” (p. 94).

A massa trabalhadora explorada concentra-se em Barcelona, que é muito grande, enquanto as classes mais ricas ficam “segregadas” em áreas específicas. O centro velho e o centro comercial há muito são áreas turísticas e de fluxos de capitais, respectivamente. Essa estrutura descrita encontramos em

muitas metrópoles pelo mundo, tanto em países desenvolvidos quanto subdesenvolvidos.

Podemos concordar com o autor, entendendo revolução como uma mudança social radical. Daí, o processo industrial na Catalunha não foi revolucionário ou, como prefere o autor, o processo fracassou. Outro motivador do título foi a obra de Jordi Nadal, *El fracaso de la revolución industrial en España* (Ariel: BCN, 1975), com a qual o autor dialoga e faz as suas críticas devido ao posicionamento clássico desse historiador.

Porém, a revolução e a não-revolução, no sentido de mudança radical, são momentos dos vários agentes em movimento, na construção e no consumo do espaço, assim como da força política desses agentes, no seu tempo. Tudo isso pode ser encontrado na leitura da última parte do livro.

Do exposto até aqui, a pergunta levantada já deve estar respondida. O leitor atento percebeu a riqueza metodológica e teórica que a obra sugere, e os caminhos possíveis para uma Geografia que seja renovadora. Em contato com o autor, este nos informou que uma nova edição seria lançada ainda no ano de 2000, totalmente reescrita. Será, praticamente um novo livro. Porém, mesmo na presente edição, o livro já marcou sua presença como caminho metodológico que pode ser seguido para uma reflexão mais profunda da ciência geográfica.

Paulo Celso da Silva